

OS NOVOS SENTIDOS DA “AMARELINHA”: RELAÇÕES DISCURSIVAS ENTRE POLÍTICO E ESPORTIVO NA CAMISA DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA 2018

Ramon do Nascimento Oliveira¹
Washington Silva de Farias²

Resumo: Este artigo investiga efeitos de sentido produzidos a partir de materialidades significantes das camisas adotadas por sujeitos-torcedores da seleção brasileira na Copa 2018. As camisas, enquanto espaço de significação, têm relação com os eventos sociopolíticos ocorridos no país, que provocaram inserções do político no esportivo. O corpus é constituído por materialidades sobre as camisas amarela, azul (oficiais) e vermelha (não-oficial) usadas pelo sujeito torcedor na Copa. Verificou-se que a diminuição do uso da camisa amarela foi provocada pelo efeito de rejeição não à seleção, mas à inserção do político na camisa, antes vista como lugar de nacionalismo soberano, provocando uma ressignificação da camisa azul e um efeito de divisão na posição-sujeito torcedor.

Palavras-chave: Seleção Brasileira de Futebol; Discurso Político; Discurso Esportivo.

The new senses of “amarelinha”: discursive relations between political and sportive in brazilian soccer team shirt in World Cup 2018

Abstract: This paper investigates sense effects produced between significant materialities of adopted shirts by team brazilian soccer supporter in the World Cup 2018. The shirts, while meaning place, has relation with sociopoliticals events occurred in Brazil, that caused insertions of the politician in the sports. The corpus it's made up for figures of yellow, blue (officials) and red (not-official) used in Wolrd Cup. We check that the decrease in the use of yellow shirt was caused by rejection effect not to the Nacional Soccer Team, but to the insertion of politics in this shirt, that was seen like a place to sovereign nationalism, bringing a ressignification of the blue shirt and a division effect at subject-posicion soccer team supporter.

Keywords: Brazilian Soccer Team; Political Discourse; Sportive Discourse.

Los nuevos significados del “amarelinha”: relaciones discursivas entre la política y deporte en la camiseta del equipo brasileño en la Copa de 2018

Resumen: Este artículo trae una investigación de los efectos de significación producidos por las camisetas adoptadas por los aficionados de la selección brasileña en la Copa 2018. Las camisetas están relacionadas con los acontecimientos sociopolíticos ocurridos en el país, que provocaron inserciones del político en los deportes. El corpus consiste en fotos de las camisas amarillas, azules y rojas que llevan los aficionados en la Copa. Fue visto que la disminución del uso de la camiseta amarilla se debía al efecto de rechazo no a selección nacional, sino a la inserción del político en la camiseta, considerado anteriormente como un lugar de nacionalismo soberano, lo que provocaba una ressignificación de la camisa azul y un efecto de división en lo aficionado.

Palabras-clave: Equipo de Fútbol Brasileño. Discurso político. Discurso deportivo.

¹ Universidade Federal de Campina Grande. ramonoliveira_n@hotmail.com . Campina Grande, Brasil.

² Universidade Federal de Campina Grande. washfarias@gmail.com Campina Grande, Brasil.

Introdução

Pegou a camisa/A camisa amarela/Botou fogo nela...
(Ari Barroso, *Camisa amarela*, 1956)

A formação da seleção brasileira de futebol (SBF) enquanto símbolo de representação do país é evidenciada principalmente nas Copas do Mundo, eventos esportivos de maior repercussão no mundo. Nessas ocasiões, no Brasil, não está em voga apenas uma competição esportiva e a busca a um título, mas uma intensa produção de sentidos que envolve os âmbitos midiático, esportivo, político, religioso, cultural e até econômico, visto que, no acontecimento da Copa, a torcida pela seleção presentifica traços do imaginário de unidade do país e de seu povo (MARTINO, 2010).

Contudo, no Brasil, as duas últimas Copas do Mundo, de 2014, no Brasil, e de 2018, na Rússia, evidenciaram um movimento de tensão entre nação/povo e seu símbolo esportivo (a seleção), provocado pela memória de eventos sociopolíticos ocorridos em anos anteriores, como os protestos de junho de 2013, as manifestações pró-impeachment/anti-golpe em 2015 e 2016, o recorde de rejeição ao Governo Michel Temer em 2017/18 e a Greve dos Caminhoneiros, ocorrida a dias antes do início da Copa 2018. Desse modo, sob a identidade abalada e o interesse mediano da população nos períodos pré-Copa, houve um questionamento da sociedade sobre um significado menos abrangente da Copa do Mundo, que, portanto, provocaria uma mudança de sentido na representação nacionalista da SBF.

A realização das Copas em questão, porém, foi bem-sucedida em diversos fatores, sobretudo na lotação em todos os jogos dos estádios na Copa 2014, e pelo sucesso de audiência da Copa 2018 (em que a partida entre Brasil e México alcançou a maior audiência da televisão brasileira em 12 anos), demonstrando a persistência do interesse da população pelo evento.

Na Copa 2018, porém, a emergência de acontecimentos sociopolíticos provocou uma movimentação conflitual de sentidos em relação ao símbolo de maior representação da SBF – a camisa amarela. Tal movimentação deveu-se ao fato de, nos protestos a favor do processo de impeachment de Dilma Rousseff, em 2015 e 2016, os manifestantes terem adotado a camisa amarela da SBF como um símbolo patriótico, nacionalista, que seria contrário ao que seria chamado de antipatriotismo, manifestado nas cores em oposição (vermelho e verde/amarelo). Por consequência, os grupos de manifestantes contra o impeachment passaram a rejeitar a camisa amarela³. Esses fatos assinalam um atravessamento de sentidos entre os campos do esportivo e do

³ Vários sites, da mídia de massa e também alternativa, noticiaram a divisão de preferência entre as camisas oficiais (amarela e azul) e a criação de modelos alternativos, como as seguintes matérias: *Os torcedores que não querem saber da 'amarelinha'*, disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/os-torcedores-que-nao-querem-saber-da-amarelinha/>; *A 'amarelinha' perdeu o posto? Apropriação política da camisa da Seleção fez outros tons ganharem vez às vésperas da Copa*, Disponível em: <https://epoca.globo.com/esporte/noticia/2018/06/amarelinha-perdeu-o-posto-apropriacao-politica-da-camisa-da-selecao-fez-outros-tons-ganharem-vez-vesperas-da-copa.html>; e *Associada ao Golpe, 'amarelinha' da seleção é 'esquecida' pelos torcedores*, disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/copa-2018/associada-ao-golpe-amarelinha-da-selecao-e-esquecida-pelos-torcedores>.

político que terá repercussão, na Copa 2018, dentre outros aspectos, na escolha do uniforme do torcedor da seleção (camisa azul em lugar da amarela), bem como na criação de modelos alternativos para a vestimenta oficial.

Os torcedores, divididos conforme o posicionamento político adotado, se dividiram entre a adesão à camisa amarela, à azul e ainda a outros modelos. Assim, a expressão da torcida pela SBF na Copa de 2018 tornou-se um espaço de significação que une os campos do discurso político e do esportivo, materializando em diferentes camisas saberes de posições-sujeito oriundos de uma formação discursiva (FD). Desse modo, do ponto de vista discursivo, é relevante saber como as materialidades das camisas utilizadas provocaram efeitos de sentido na relação entre os torcedores, revelando a inserção de saberes políticos e sociais no campo do esporte.

Com base na situação em tela, este artigo tem como objetivo *analisar a relação discursiva entre posições-sujeito no uso de camisas oficiais e alternativas da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 2018*, procurando, desse modo, identificar os efeitos de sentido produzidos por esta relação de deslocamento entre político, social e esportivo a partir de gestos de interpretação produzidos através do cenário político nacional.

Para tanto, assumimos como teoria de base deste trabalho a vertente da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, baseada nos estudos de Pêcheux e Orlandi, vertente que, de acordo com Pêcheux (2014, p. 291) “não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito”, isto é, não é importante saber o sentido provocado pelos deslocamentos e relações entre sujeitos-torcedores, mas o seu processo de significação, o caminho que levou à materialização de um discurso na linguagem.

Acreditamos que a análise efetuada contribui para compreender os modos de relação entre processos culturais e sociopolíticos e processos de representação pelo discurso, em especial a relação de conflito existente entre posições políticas antagônicas no Brasil, tendo como um dos espaços de disputa de sentidos a camisa da seleção, no cenário da Copa do Mundo de 2018. Em geral, este trabalho possui relevância por apresentar uma das consequências, revelada no campo esportivo, dos processos encontrados no político. Assim, é importante discutir como a camisa da SBF, até então marcada como um símbolo nacional, soberano e ufanista, passou por novos processos de significação e de deslocamentos que revelam uma relação tensa entre os sujeitos que se identificam e os que já não mais se identificam, passando a ocupar novos espaços.

A Camisa da Seleção e os Brasis representados pela Amarelinha

A SBF é vista social e culturalmente como uma representação derivada de um projeto nacional, no qual as principais características do país prevalecem (ou deveriam prevalecer) sob os aspectos táticos da equipe (GASTALDO, 2012), devendo ser ainda constituída por formações identitárias múltiplas (como aspectos étnicos, religiosos e regionais), baseando-se na diversidade do Brasil.

A Copa do Mundo de futebol, que ocorre a cada 4 anos e reúne seleções de 32 países, é um evento esportivo de grande repercussão midiática, gerando mais audiência até que as Olimpíadas, que possui atletas representantes de todos os países. Desde o seu início, em 1930, no Uruguai, 21 edições do evento já ocorreram em 17 países diferentes, entre eles o Brasil, que sediou duas edições: 1950 e 2014. Ao total, a SBF conseguiu sair vencedora em 5 vezes: 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002, participando de todas as Copas.

Neste passo, a história do futebol do/no Brasil é constituída por questões históricas que envolvem uma suposta igualdade social, étnica e econômica, em que a formação de perfis heroicos, de episódios de superação e de emancipação de características tomadas como parte da identidade do sujeito brasileiro são representadas pelos jogadores da Seleção.

Rodrigues (1993) formula que as Copas do Mundo são eventos de grande protagonismo no Brasil, tornando-se acontecimentos históricos. A final da Copa do Mundo de 1950, por exemplo, na qual a SBF foi derrotada pelo Uruguai, tornou-se um episódio de tragédia nacional que foi marcada não apenas pela derrota em campo, mas também pelo adiamento do projeto do Brasil como “país do futuro”, em que, num período imediato pós-guerra, o país deveria se tornar uma potência econômica, a começar pelo esporte. Além disso, segundo DaMatta (1982), havia entre nação e seleção um elo marcado pela representação da união entre todos. Tal derrota foi considerada pelo mesmo autor (1982) como “a maior tragédia da história contemporânea do Brasil”.

Martino (2010), em um estudo sobre a final da Copa de 2002, onde Brasil e Alemanha se enfrentaram, afirma que “o futebol é usado como uma metáfora de futuro; nela, é possível encontrar traços de uma identidade nacional na qual a ‘ginga’ e a ‘malícia’ encontraram um espaço largo”, isto é, a vitória do Brasil em 2002 possibilitou na seleção a marcação de “qualidades” do país. Nesse estudo, há a identificação de uma inversão: o Brasil, apesar de ser um país em desenvolvimento, triunfou sobre um dos países economicamente mais fortes do mundo, marcando um sentimento de fortalecimento da nacionalidade que, nesta perspectiva, através da marca identitária do Brasil em uma Copa, ilusoriamente reverteu a ordem econômica pelo futebol.

Estas representações são construídas, asseguradas e disseminadas principalmente através do discurso jornalístico, onde há um grande interesse ligado ao evento, uma vez que este tem como pauta central a venda de “bens culturais”, em que o produto a ser vendido é a audiência, atraída por tais bens. Na Copa do Mundo, com os índices de audiência em televisões e aparelhos ligados à internet batendo recordes, há uma intenção de lucro pelo jogo da propaganda. Como afirma Gastaldo (2009, p. 368),

a par de um interesse social pré-existente em torno da seleção brasileira e de sua participação na Copa do Mundo, existe toda uma “construção de interesse” por parte do discurso midiático. Esta construção opera como um “amplificador” dessa demanda social, magnificando esse interesse e tornando-o central e quase exclusivo na definição da realidade no país, colaborando para gerar fenômenos de audiência a cada jogo do Brasil na competição.

Desse modo, sabe-se que a principal representação simbólica e propagandista de uma seleção está ligada ao contato visual durante toda a partida de futebol, fator que identifica e, conseqüentemente, diferencia as seleções: o uniforme, que (geralmente) carrega as cores da bandeira do país, provocando um efeito de união e de representação coletiva.

Historicamente, até 1953 a camisa oficial da SBF era na cor branca com detalhes azuis, também cores da bandeira do Brasil. Após a derrota e 1950, a camisa branca foi estabelecida pelo imaginário popular como um símbolo azarado, motivando a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) a fazer um concurso para adotar um novo uniforme, no qual a única obrigação era o uso de todas as cores da bandeira nacional, sendo escolhida como novo uniforme principal a camisa amarela com detalhes verdes, short azul com detalhes brancos e meiões brancos.

O novo modelo da camisa principal representava as cores verde e amarelo de modo mais evidente, além de serem mais reconhecidas internacionalmente como cores do Brasil (principalmente propagado pelo personagem Zé Carioca, da Disney), em que, em um imaginário social de igualdade e ascensão marcadas pelo futebol, a seleção, com todas as cores da bandeira nacional (e portanto, uma maior diversidade), representaria uma união entre nação, Estado e seleção, contando com uma renovação para as outras copas (RODRIGUES E GINI, 2014). Além disso, durante a Copa de 1954, o novo modelo rendeu ainda um apelido à seleção brasileira: *canarinho*, em alusão à cor amarelo-canário, do novo uniforme. Tal codinome continuou sendo utilizado em todas as outras copas, tornando-se inspiração e título da música da Copa de 1982, além de tornar o canário como mascote da SBF nas Copas posteriores.

Neste passo, pensou-se que uma seleção que mantivesse em seu uniforme principal as cores nacionais seria um fato de extrema importância, uma vez que o ato simbólico representado através das cores era fonte do imaginário patriota. Sabe-se, porém, que na criação da bandeira do Brasil, ainda no período imperial, a intenção da inserção do amarelo deveu-se à cor que representava a Família de Dona Leopoldina, de origem austríaca. Porém a história disseminada para a população contava que a cor representava o ouro, portanto, uma riqueza do país. Apesar disso, o amarelo, assim como afirmam Elman e Benetti (2010, p. 68), em um país como o Brasil, passou a representar também o sol, a energia, a juventude bronzeada nas praias, os craques “de ouro”. Desse modo, o amarelo se inscreve na memória do sujeito torcedor como representante de um meio, acima de tudo, patriota.

A camisa amarela, porém, não foi a primeira a ser campeã. Em 1958, na final da Copa da Suécia, a seleção anfitriã, adversária do Brasil, não abriu mão de jogar de amarelo – cor predominante de seu uniforme principal. A segunda opção do Brasil foi, portanto, jogar de branco. Entretanto, a cor branca, como visto antes, foi colocada como o elemento culpado pelos fracassos anteriores da seleção. Desse modo, foi utilizada a camisa azul, sendo criada através de uma influência religiosa – a cor do manto de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil (RODRIGUES e GINI, 2014). O Brasil, que jogou os cinco primeiros jogos de amarelo e a final da competição de azul, foi campeão da Copa de 1958.

As cores do uniforme da seleção, portanto, foram definidas, ao longo da história deste, seguindo símbolos de representação nacional: as cores da bandeira, o catolicismo e a vontade de um projeto de desenvolvimento do país, imbricados pelo sentimento nacionalista e patriota. A materialização da preferência de cores, portanto, é marcada através da memória.

A Seleção Brasileira entre o Nacionalismo Crítico e Ufanista

Em 1970, no México, a SBF, que mantinha a grande popularidade, foi tomada pela ditadura militar como elemento de propaganda do governo. Entre os acontecimentos que marcaram a Copa, está a demissão de João Saldanha (técnico da SBF) pelo governo dias antes da realização da Copa, pelo fato de, além de ser militante do Partido Comunista do Brasil, o governo temer uma denúncia de tortura de presos políticos durante o evento. Outro fator de grande popularidade incorporado pela ditadura diz respeito à música da seleção, intitulada *Pra Frente Brasil*, entoada em ritmo de marcha. Esta, além de ser um dos slogans do regime militar, fez um considerado sucesso que contrastava com os ritmos mais populares, o que dava um tom mais civil à seleção, aproximando-a mais do Estado do que do povo.

Sobre isto, Chauí (2000) afirma que entre 1958 e 1970 houve uma diferença pautada em tons diferentes do nacionalismo. De acordo com a mesma autora (2000, p. 32), em 1958 “os que participaram da festa não levavam a bandeira nacional. Era uma festa popular. A bandeira brasileira fez sua aparição hegemônica nas festividades de 1970, quando a vitória foi identificada como ação do Estado e transformou-se em festa cívica.”. Aqui, o simbolismo das cores nacionais, principalmente o que é pautado no verdeamarelismo, enquanto uma instituição abstrata, esteve sempre um passo à frente da bandeira no imaginário popular sobre o Brasil.

Como afirma Singer (apud Chauí, 2000), o verdeamarelismo constituiu-se principalmente como um símbolo de “dependência consentida”, advinda do Brasil Colônia, que tem como raiz o Brasil como uma terra de pouco povoamento e muita exploração, na qual o agronegócio deve prevalecer. Porém, o verdeamarelismo colonial não “morreu” com o Brasil Colônia, permanecendo até hoje, mesmo com movimentos como a Tropicália e o Modernismo, que apresentavam outras propostas ideológicas de outros perfis de Brasil. (CHAUÍ, 2000).

Do Brasil campeão de 1958 ao Brasil tricampeão em 1970, apesar das mudanças das formações políticas que governaram o país (da democracia e da industrialização trabalhista para a ditadura militar), Chauí (2000, p. 19) afirma que o país permaneceu numa mesma perspectiva ideológica nacionalista, chamada pela autora de “nacionalismo patriótico”: em 1958 vivia-se uma ideologia desenvolvimentista industrial; em 1970, o Brasil estava numa ideologia de integração nacional. Este nacionalismo, em 1970, por exemplo, era instituído, principalmente nos jovens, a concepção de amor e orgulho à sua pátria. Tal concepção foi observada através da fragmentação política nacionalista anterior, o *Nacionalismo Crítico* e *Nacionalismo Ufanista*, presentes na corrente literária Modernista, em que o Nacionalismo Crítico referia-se a ideias críticas à identidade nacional e o Nacionalismo Ufanista a

ideias utópicas sobre o Brasil. Como pano de fundo, sempre é presente o verdeamarelismo, como elemento comum aos nacionalismos, provocando um posicionamento de unidade.

Com isto, percebemos que na Copa do Mundo há a construção de um efeito de união entre sujeitos-torcedores, mesmo entre nacionalismos diferentes, em que a paz é selada entre torcedores de times rivais e há uma minimização de diferenças (ELMAN E BENETTI, 2014). Aqui, mesmo em Copas em que há tensões entre político e esportivo (como em 1970 e 2014), os traços críticos e ufanistas são atenuados, marcados pela união a um bem comum: o sucesso da SBF.

As Copas de 2014 e 2018, porém, foram marcadas por um novo posicionamento da torcida pela seleção e da utilização amarela como seu símbolo pelo sujeito-torcedor da SBF. Através de eventos históricos marcados pela crise política⁴, as Copas não tiveram, no período anterior à realização, o mesmo interesse da população brasileira como em copas anteriores. A inserção do político no esportivo, o que não é um fato incomum, provocou uma ressignificação de sentidos, isto é, houve um deslocamento nos saberes que determinam os posicionamentos de sujeitos-torcedores da SBF. Dessa forma, devido às tensões provocadas pelo cenário de instabilidade sociopolítica, foram criadas duas perspectivas divergentes, em relação de concorrência, num espaço que foi materializado pelo uso das camisas. Enquanto o grupo apoiador do impeachment de Dilma Rousseff utilizava a camisa amarela da SBF nos protestos, em efeito de contestação, o grupo contra o impeachment passou a rejeitar a camisa amarela, uma vez que esta passou a ser um símbolo “oficial” utilizado pelas manifestações com objetivos opostos. Na Copa do Mundo de 2018, com a camisa amarela “tomada” pelo sentido do nacionalismo ufanista, o grupo anti-impeachment ocupou novos espaços de significação. Este cenário conflituoso marca, sobretudo, o discursivo político imbricado no esportivo.

O Discurso Político e o Esportivo

A divergência de sentidos entre as camisas na Copa do Mundo de 2018 configura o que é o político. Sobre isto, Orlandi (2013, p. 29) afirma que este é uma “relação de confronto”, fundamentando esta afirmação pelo que a

⁴ Os protestos de Junho de 2013, durante a Copa das Confederações e um ano antes da Copa do Mundo do Brasil, foram os primeiros grandes protestos contra a política nacional desde os pedidos de impeachment de Fernando Collor. Entre os pedidos dos manifestantes, havia a não realização da Copa do Mundo, o que gerou uma instabilidade entre a FIFA, o Governo Federal e a sociedade. Durante e logo após os protestos, a popularidade da Copa baixou consideravelmente. Dois anos depois, em 2015, iniciaram-se os protestos a favor do processo de impeachment de Dilma Rousseff, reeleita em 2014, e, junto a isto, os protestos contra o impeachment, entendido por estes grupos como um golpe. Após o impeachment ser aprovado, Michel Temer assumiu a presidência e, após escândalos de corrupção e iniciativa às reformas da previdência, do Ensino Médio e trabalhista, o então presidente sofreu um índice de 95% de rejeição, a maior da história. Em 2018, 15 dias antes do início da Copa do Mundo, a Greve dos Caminhoneiros paralisou o país por 1 semana. Tal greve criou uma nova instabilidade política, desviando as atenções da Copa do Mundo para a crise política. Porém, todos os jogos do Brasil na Copa atingiram recordes históricos de audiência. Na 4ª partida da SBF, a Globo, que transmitia o jogo entre Brasil e México, conseguiu 65 pontos de audiência apenas na Grande São Paulo. No painel nacional, aproximadamente 90 milhões de pessoas assistiram a este jogo, firmando-se como a maior audiência televisiva desde 2006.

mesma discute através das *formas do silêncio*. O silêncio na língua, segundo a autora, existe através da determinação ideológica de quem enuncia, configurando o direcionamento do sentido, ou seja, a implantação de um sentido “único”. Assim, sabe-se que, ao enunciar, um sujeito seleciona os sentidos que deseja expressar, tornando a língua uma disputa de sentidos, ou seja, um âmbito político. Guimarães (2002, p. 12) afirma, por sua vez, que “o político é a contradição que instala o conflito no centro do dizer”, apresentando também a noção de que existe, na materialidade significante, o espaço de contradição e de disputa de saberes na linguagem. Nos dois cenários, o político é um processo natural às relações discursivas, em que as mesmas abarcam relações marcadas sob vários efeitos.

O discurso esportivo, por sua vez, sobretudo acerca do futebol, é marcado por diferentes perspectivas que envolvem a mídia, a cultura e a religião como espaços possíveis de ressignificação de sentidos. Nos anos 1960/70, Umberto Eco (1984, p. 21), nos artigos “A falação esportiva” e “O Mundial das Pombas”, criticava o futebol enquanto forma espetacularizada, afirmando que não se opunha ao futebol, por reconhecer a sua necessidade como prática ligada à saúde, mas recusava o esporte pela “infantilidade dos torcedores”. Na mesma época, em *Sociologia do Esporte* (1969), George Magnane apresentava uma crítica aos pensamentos advindos da academia sobre o futebol, mostrando um contraponto, creditando a este esporte um lugar de manifestação popular, onde havia a possibilidade da existência “harmoniosa” entre sentidos religiosos e culturais.

Através disso, percebemos que no campo esportivo há disputa pelos sentidos na instância da significação, configurando a inserção do político no esportivo: através da disputa, da histórica relação de conflito visto desde os primórdios, com as Olimpíadas da Antiguidade. O discurso esportivo, caracterizado por saberes que envolvem a competição, a superação, o misticismo e a cidadania, por exemplo (CARVALHO, 2005), marca a necessidade de competições de futebol, como é a Copa do Mundo e outros campeonatos entre clubes.

É importante, dessa forma, discutir que, na heterogeneidade que marca estes espaços e, conseqüentemente, os sujeitos que ocupam tais espaços, inscrevem-se em uma determinada Formação Discursiva, ou seja, aquilo que determina “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (PÊCHEUX, 2014b, p. 160). A FD, nesta conjuntura, apesar de tender a um espaço homogêneo, não o é, uma vez que nesta habitam posições específicas de saberes também específicos, apresentadas teoricamente como *posições-sujeito*. O sujeito-torcedor, desse modo, também é heterogêneo e ocupa uma posição-sujeito, que se submete a uma forma-sujeito, ou seja, uma forma de saber central. Cazarin (2010, p. 107) afirma que posição-sujeito é “um constructo teórico que, no processo discursivo, imaginariamente representa o “lugar” em que os sujeitos estão inscritos na estrutura de uma formação social”, e uma forma-sujeito, seria o sujeito do saber de uma dada FD (PÊCHEUX, 2014a).

Um sujeito que se inscreve em uma determinada posição-sujeito mantém uma relação direta com a sua forma-sujeito. Para delimitar tal relação, Pêcheux (2014a) entende que há tipos de diferentes movimentos

entre a forma e a posição-sujeito: a *identificação*, que ocorre quando a posição se identifica com a forma-sujeito; a *contraidentificação*, quando há um deslocamento entre posição e forma, mas não suficientes para haver uma ruptura, que é o que ocorre quando há a *desidentificação*. Tais movimentos ocorrem devido a efeitos de sentido, configuradas sob a resistência do sujeito. Assim, os deslocamentos e movimentos de desdobramento da posição-sujeito em relação a sua FD podem designar não apenas uma boa relação entre sujeitos, mas também rearranjos, ressignificações e até rupturas.

Todas as formas de desdobramento, marcados na instância do discurso e na materialização deste pela linguagem, possibilitam a criação de efeitos de sentido através da polissemia e da paráfrase, na memória. Assim, certa materialidade simbólica pode sugerir e produzir inúmeras ressignificações. Isto, portanto, faz da palavra um campo de significação mutável (ORLANDI, 2015).

No espaço que estamos tratando como investigação e análise das significações da Amarelinha, tendo em vista os acontecimentos pré-Copa, observa-se três situações em uma FD esportiva, que regula a heterogeneidade, a contradição e a tensão entre sujeitos com posicionamentos políticos divergentes: uma situação onde há a permanência do uso da camisa amarela; outra onde há um deslocamento, através do uso da camisa azul; e uma outra, marcado pelo uso da camisa vermelha. Verificaremos, dessa forma, como efeitos de sentido são criados, observando os respectivos deslocamentos das posições-sujeitos e como, portanto, o político é inserido no esportivo.

As Regras do Metodológico

Neste trabalho, que como já dito, ancora-se na Análise de Discurso francesa, é, do ponto de vista de sua natureza de pesquisa, de cunho discursivo-interpretativista, e analisa materiais significantes. Um material significativo é visto, de acordo com Lagazzi (2008), “como componente de uma cadeia estruturante falha, cuja materialidade específica (verbal, visual, sonora, gestual...) fica exposta à produção de significações”. Assim, materialidades significantes constituem-se como formas de textualidade variadas, ligadas não apenas ao verbal/não-verbal, mas a um processo que trabalha o sentido textual.

Nosso corpus é constituído por materialidades significantes imagéticas e verbais produzidas e em circulação na mídia jornalística esportiva, em condições de produção específicas: o período que compreende os acontecimentos ligados à Copa do Mundo de 2018. Consideraremos tais materialidades como sequências discursivas (SDs), sendo estas distribuídas em duas formas: a verbal e a imagética. As sequências verbais são títulos e subtítulos de matérias de sites jornalísticos que apontam para um deslocamento de sentido do uso da camisa amarela por sujeitos torcedores com posições políticas divergentes. Por sua vez, as sequências visuais são constituídas por imagens de três camisas: 1) a camisa amarela, uniforme número 1 da seleção; 2) a camisa azul, o uniforme número 2 da seleção; 3) e um modelo de camisa vermelha, alternativa às camisas oficiais da SBF.

Os textos verbais que constituem as sequências discursivas de nosso *corpus* foram retirados de sites de notícias de grande repercussão nacional: a edição online das revistas *Exame*, *Época*, *El País*, do jornal *Folha de São Paulo* e do site de notícias *Zero Hora*, totalizando 4 SDs verbais e 1 SD não-verbal.

Sobre as análises das SDs imagéticas, segundo Fernandes (2015, p. 84) “a linguagem visual é vista como materialidade discursiva, isto é, não é só corpo, nem só ‘mensagem’, ela é o material bruto da relação entre o sujeito e a exterioridade, entre a linguagem e a história, entre intenção e imaginação, ou seja, é ideológica, assim como a língua”. Desse modo, consideramos que as imagens, assim como a língua, que se constitui como materialidade significativa, são também opacas e polissêmicas, sujeitas à falha (PÊCHEUX, 2014).

Sobre a constituição da análise da relação discursiva proposta como objetivo geral de nossa pesquisa, consideramos que existe uma Formação Discursiva, sendo ela a FD do torcedor da SBF, na qual existem em relação heterogênea três posições-sujeito: uma PS de sujeitos torcedores pró-impeachment; e duas PS de sujeitos torcedores anti-impeachment, cada uma com saberes específicos, marcados pela materialização no uso das camisas.

A Amarelinha, a Azulzinha, a Vermelhinha

O período pré-Copa de 2018 ficou marcado pelo desinteresse causado pela crise política proliferada no Brasil num período que, embora tenha se iniciado em 2013, sofreu um outro ápice em 2018, com grandes acontecimentos que desviaram as atenções do esportivo para o político. O primeiro, o auge do cenário de descrédito da sociedade à classe política; o segundo, por ser a época de maior rejeição ao Governo Michel Temer; por último, a Greve dos Caminhoneiros, que, embora tenha durado apenas uma semana, provocou consequências sentidas econômica e politicamente. Tais eventos, às vésperas da Copa, redirecionaram as atenções da população para outro campo, motivando o desinteresse na Copa do Mundo. A SBF, por ser também um instrumento ocupado por diversos elementos, como o verdeamarelismo, o Estado e o patriotismo, também foi atingida por publicações em redes sociais da internet sobre o lugar de protagonismo num binarismo jogador/trabalhador brasileiro, dizendo respeito à heroicização implicada pela mídia esportiva.

Os fatos, porém, que obtiveram a maior repercussão e relevância frente à resignificação da amarelinha vêm de 2015 e 2016: os protestos e o processo do impeachment de Dilma Rousseff. Nos protestos a favor do impeachment, a camisa da SBF foi adotada como símbolo de patriotismo, nacionalidade, que “derrubaria”, portanto, o vermelho – cor do PT, partido da então presidente. Desse modo, a partir de SDs selecionadas, iremos analisar a relação discursiva entre as posições políticas resignificadas e rearranjadas no uso de das camisas amarela e azul, da CBF, e de uma camisa alternativa, de cor vermelha, criada por uma designer mineira, durante a Copa do Mundo de 2018.

As SDs selecionadas são títulos e subtítulos de notícias relacionadas à camisa da SBF antes e durante o período da Copa do Mundo de 2018, que

servem como constatação e materialização do discurso na linguagem. Desse modo, observaremos, como, através de tais SDs, acontecimentos do campo político foram inseridos no campo esportivo, causando a ressignificação do uniforme da seleção. Nesse movimento de análise, guiado pelas categorias discursivas entre as relações existentes entre sujeitos torcedores de posições heterogêneas, teremos como objeto principal para ponto de partida as cores como vestígio de discursividades em disputa, como prática do político na significação esportiva.

De um modo geral, as SDs a seguir dizem respeito à perda de espaço da camisa amarela enquanto unanimidade para o sujeito torcedor, apresentando a segunda camisa como um outro lugar de (re)significação:

SD1: A camisa amarela perdeu espaço – e é culpa da política. Em relação a 2014, o uniforme azul reserva ganhou espaço e está quase esgotado em algumas lojas, diz Nike (*Exame*, 15 jun 2018, 08:00, disponível em www.exame.com.br/negócios)

SD2: Camisa da seleção, o símbolo contaminado por rixas ideológicas e as negociatas dos cartolas. Visto como instrumento político em manifestações, uniforme amarelo enfrenta rejeição após escândalos de corrupção que abateram o país e a CBF. (*El país*, 17 jun 2018, 19:16, disponível em brasil.elpais.com/brasil)

A SD1, do site da Exame, e a SD2, do site El País, apresentam, em suas constituições, textos heterogêneos, devido ao fato serem resultado da mobilização de discursos de dois campos de significação, o político e o esportivo, e de um espaço discursivo em disputa: a rejeição da camisa amarela e, conseqüentemente, a aceitação da camisa azul. Tal fato marca os saberes de sujeitos-torcedores que estão em posições políticas antagônicas, apresentando, portanto, duas posições-sujeito que divergem entre si pelo cenário político no país. Desse modo, percebemos um funcionamento de duas posições-sujeito em uma mesma formação discursiva: uma posição-sujeito, na qual há o uso da camisa amarela, é guiada por uma posição política pró-impeachment, e outra posição-sujeito, na qual há o uso da camisa azul, guiada pela posição política anti-impeachment.

As SDs em questão apresentam um gesto de interpretação do sujeito-jornalista acerca das representações do uso da camisa amarela na Copa do Mundo de 2018 e suas relações com o esportivo, o político e também com o econômico. Além desse gesto, ainda há uma produção de efeitos de sentido sobre as relações impuras entre SBF, CBF, cenário político brasileiro e corrupção, principalmente. Tais relações materializam, a partir do gesto de leitura da mídia, confrontos entre o esportivo, o político e o econômico, sintetizadas pelos escândalos de corrupção envolvendo a CBF, que culminaram na deposição de cargos e banimento do futebol dos presidentes Marco Polo del Nero e José Maria Marin; negociações de jogadores de times brasileiros com idade menor que 18 anos a times europeus; e, principalmente, a apropriação da camisa amarela, tomada com símbolo de patriotismo, pelo grupo pró-impeachment de Dilma Rousseff e a conseqüente rejeição da

vestimenta como elemento de torcida para o grupo anti-impeachment, inspirada a partir da narrativa que prevê um golpe.

Devido a tais relações, o gesto de interpretação do sujeito jornalista também produz um efeito de sentido que marca a impureza nas relações entre político e esportivo. Um outro, o mais importante para esta pesquisa, diz respeito à divisão sobre o uso e não uso da camisa amarela, nas quais são marcadas posições divergentes quanto à orientação política.

Na SD1, a perda do espaço é logo justificada pela política. Neste passo, o sujeito jornalista apresenta um gesto de tentativa em não culpar um ou outro grupo, mas na política de uma forma geral. No subtítulo da notícia, *“Em relação a 2014, o uniforme azul reserva ganhou espaço e está quase esgotado em algumas lojas, diz Nike”*, o sujeito jornalista evidencia um ganho de espaço da camisa azul em relação à última Copa do Mundo, em 2014, época em que ainda não havia o uso da camisa amarela como apropriação política.

Na SD2, a formulação *“Camisa da seleção, o símbolo contaminado por rixas ideológicas e as negociatas dos cartolas”*, apresenta um efeito de sentido de insatisfação e de rejeição não à camisa, mas à inserção do político no uniforme amarelo, que é evidenciado pelo uso do termo *contaminado* e *rixas ideológicas*. No enunciado posterior, *“Visto como instrumento político em manifestações, uniforme amarelo enfrenta rejeição após escândalos de corrupção que abateram o país e a CBF”* verificamos uma justificativa ao uso de *contaminado*: aqui, a camisa amarela foi apresentada como um “instrumento político”, justificando a rejeição de posicionamentos políticos antagônicos.

O discurso midiático e jornalístico sobre a camisa da SBF, dessa forma, através de formulações como as vistas na SD2 e em *“é culpa da política”*, na SD1, evidenciam a mobilização de sentidos que apresentam a camisa amarela como afetada pela política. Desse modo, as SDs sugerem que o sujeito que não se identifica politicamente com os sujeitos que se vestiram de amarelo nos protestos que ocasionaram a divisão de sentidos, procuraram outros modos de significação, que se manifestam pela preferência à camisa azul, que se faz presente no enunciado *“o uniforme azul reserva ganhou espaço e está quase esgotado em algumas lojas, diz Nike”*, onde há a constatação, através das informações das vendas cedidas pelo fabricante, da perda de espaço da camisa amarela. A SD3 explicita este gesto de leitura:

SD3: A amarelinha perdeu o posto? Apropriação política da camisa da Seleção fez outros tons ganharem vez às vésperas da Copa?

A apropriação política da camisa da seleção reflete os ânimos dos brasileiros às vésperas da copa na Rússia (*Época*, 7 jun 2018, 18:42, disponível em epoca.globo.com/esporte)

O gesto de interpretação produzido pelo sujeito jornalista na SD3, assim como a da SD1 e SD2, é referente à queda e à perda de espaço da camisa amarela. O primeiro enunciado é um questionamento; posteriormente, no nível linguístico, a formulação *“a apropriação da camisa da seleção fez outros tons ganharem vez às vésperas da Copa”*, especificamente no fragmento *“outros tons ganharem vez”* significa a emergência de outros tons, em efeito de

divergência ao amarelo, onde os tais tons são representados pelo azul e vermelho.

Observando a camisa azul na Copa do Mundo de 2018, percebemos que a mesma passa a ganhar um protagonismo dividido, ao invés de uma coadjuvação: se até a Copa de 2014 a mesma era “apenas” a segunda camisa, sem alternativas, na Copa de 2018 esta passa a ser um espaço livre do nacionalismo ufanista, do verdeamarelismo, sendo adotada por uma posição-sujeito que tem como saberes centrais o nacionalismo crítico. Tais posições estão, desse modo, marcados pela divergência entre sujeitos torcedores.

Os sujeitos-torcedores que rejeitaram a camisa amarela como expressão de torcida pela SBF na Copa e passaram a utilizar a camisa azul manifestam um efeito de sentido de rejeição não à CBF, a Confederação Brasileira de Futebol, instituição que regulamenta o futebol brasileiro, e à seleção brasileira, mas ao acontecimento político que proporcionou o impeachment de Rousseff, no qual houve a adoção da camisa amarela como símbolo patriota, que separaria as posições políticas até então antagônicas.

Aqui, podemos evidenciar um paralelo existente entre o nacionalismo ufanista e o crítico oriundo das manifestações: enquanto o grupo pró-impeachment produziu um efeito patriótico ao utilizar a camisa amarela como símbolo de nacionalismo “acima de tudo”, com defesa às questões nacionais “verdeamarelistas”, centradas principalmente num Brasil ideal – que até então seria sem o PT e outros partidos de esquerda, vistos como centros da corrupção, o grupo anti-impeachment produziu uma retomada ao nacionalismo crítico, com o argumento central na definição de que o Governo Dilma passaria por um golpe. Assim, a camisa amarela passou a representar, para o grupo de sujeitos torcedores com posição política anti-impeachment, uma materialização do nacionalismo ufanista.

Desse modo, há um gesto de não-pertencimento à posição-sujeito nacionalista patriótica ufanista e seus respectivos saberes, marcando uma relação de contestação. Dito diferentemente, o uso da camisa amarela gerou, em sujeitos-torcedores contrários ao impeachment, um sentido de associação política aos apoiadores do processo de impeachment. Antes, a camisa amarela, vista como símbolo de unanimidade nacional entre os sujeitos-torcedores, passou a representar uma filiação política, e não mais apenas ao sentido de união entre Estado, seleção e nação. O uso da camisa azul pelo grupo anti-impeachment, não marca, dessa forma, uma ruptura com a FD do sujeito torcedor da SBF e nem à CBF, mas aos saberes implementados ao símbolo maior dela: a camisa amarela, marcada pelos saberes da outra posição-sujeito (o verdeamarelismo e o nacionalismo ufanista).

Dessa forma, temos em espaço de disputa duas posições-sujeito com saberes politicamente antagônicas, que manifestam a torcida pela SBF através de gestos divergentes, que, por sua vez, materializam-se através da memória das cores. O azul, apesar de ter sido o uniforme usado pela seleção no seu primeiro título mundial, não manifestava, até então, uma grande preferência pela torcida, que até a Copa de 2014 era amplamente simbolizada pelo amarelo. Porém, a camisa azul passou a ser uma das cores utilizadas por sujeitos-torcedores que se inscrevem em uma posição política contrária ao impeachment. Isto também é evidenciado pela própria venda, com um

considerável aumento em relação às outras copas. A SD4, como materialidade significativa, explicita os sentidos discutidos acima:

SD4: Parte da esquerda rejeita camisa amarelinha com medo de ‘virar’ paneleira. Uniforme da seleção é associado aos atos de oposição que derrubaram Dilma (*Folha de São Paulo, 17 jun 2018, 2:00, disponível em www1.folha.uol.com.br/esporte*)

Nesta SD, verificamos a manifestação dos saberes da posição-sujeito anti-impeachment (nomeada pelo sujeito jornalista como “*Parte da esquerda*”) pelo uso de *paneleira*, referente aos atos em que, durante os pronunciamentos de Dilma em rede aberta, os apoiadores do impeachment batiam panelas, em rejeição ao seu Governo e partido. Os panelaços (como ficaram conhecidos esses eventos) do Brasil foram inspirados em outros panelaços na América Latina: no Chile, nos anos 1970, e na Argentina, no início dos anos 2000. Tais eventos no Brasil, porém, representaram, para a posição-sujeito anti-impeachment, um caráter ilegítimo, no qual o termo *paneleiro* foi tomado como pejorativo.

Desse modo, na conjuntura da posição política de sujeitos que observam o processo de impeachment como golpe, o uso do termo “*paneleira*” marca um outro efeito de sentido, o da ilegitimidade da representação da maioria populacional (flertando com um princípio antidemocrático), uma vez que os panelaços aconteciam apenas em bairros de classes média, média-alta e alta, não configurando, portanto, um processo representante para a grande parte da população, de classe média-baixa e baixa. Por sua vez, a posição-sujeito pró-impeachment marcou os panelaços do Brasil como acontecimentos de ressignificação do cenário político nacional, tendo os pronunciamentos de Dilma como oportunidades de manifestação.

Em suma, o “medo de virar ‘*paneleira*’”, no discurso do sujeito jornalista, evidencia, para a posição-sujeito anti-impeachment, a camisa amarela da SBF como um lugar de significação da ilegitimidade, provocando por vezes uma relação divergente, por vezes uma relação antagônica entre as PS.

Desse modo, o uso da camisa amarela ou azul produziu, na conjuntura das manifestações e no período durante e pós-Copa do Mundo de 2018, um efeito de filiação a posições-sujeito que, embora estejam em uma mesma FD (a FD do torcedor brasileiro), apresentam posições entre si ora divergentes (como a aceitação dos uniformes oficiais da CBF, embora em cores diferentes) ora antagônicas (como o posicionamento político pró ou anti impeachment).

Um outro deslocamento, ainda mais evidente, diz respeito a uma reorganização de três componentes imagéticos das duas camisas oficiais da SBF, que produz uma contradição de saberes no interior da posição-sujeito anti-impeachment. Tal mudança é materializada pela criação de uma camisa vermelha para sujeitos torcedores que não se identificam também com a camisa azul e, em um gesto de afastamento total do nacionalismo ufanista, modificam a cor, a organização de futebol e a fornecedora da SBF:

SD5: Camisa alternativa da seleção brasileira



Fonte: www.em.com.br

A camisa vermelha, alternativa às camisas oficiais da CBF, foi criada por uma designer mineira pouco antes do início da Copa do Mundo de 2018. A camisa, por ser polêmica, uma vez que trazia à tona elementos do turbulento cenário político nacional, tornou-se notícia em vários sites, como o Diário de Pernambuco⁵ e Estado de Minas⁶.

Os três elementos visuais que sofreram mudança nesta versão alternativa são os acréscimos do símbolo do Comunismo, no lugar da logo da Nike, fornecedora de materiais esportivos da SBF; da logo da CBD (Confederação Brasileira de Desportos, substituindo a CBF; e o mais evidente de todos, a mudança de cor, do amarelo e azul para o vermelho, como podem ser comparadas pelas imagens do uniforme, a seguir:

⁵ Grupo lança camisa vermelha com escudo da CBF para quem não quer 'ser confundido com paneleiro' na Copa. *Diário de Pernambuco*. Disponível em www.diariodepernambuco.com.br Acesso: 1 de Ago de 2018.

⁶ Mineira cria camisa vermelha da seleção para esquerda usar na Copa. *Estado de Minas*. Disponível em: www.em.com.br Acesso: 1 de ago de 2018.

SD6: Camisas oficiais da SBF na Copa 2018

Fonte: www.cbf.com.br

O elemento mais aparente, a mudança de cor da camisa, produz um gesto de antagonismo aos saberes da posição-sujeito pró-impeachment, principalmente em efeito de resposta não às cores nacionais e a representação patriótica destas (especialmente o verde e o amarelo), mas aos significados que foram associados a estas durante o processo de impeachment, na manifestação ufanista do nacionalismo. Assim, o uso do vermelho na camisa alternativa da seleção, cor do Partido dos Trabalhadores e dos partidos de esquerda, sugere um afastamento total da posição-sujeito pró-impeachment, marcando uma relação de antagonismo, e, ao mesmo tempo, uma relação de divergência com a posição-sujeito anti-impeachment que preferia ainda a camisa azul, uma vez esta não estabelece uma ruptura com a CBF e com as cores nacionais (mesmo que em menor evidência).

Desse modo, observamos que há o surgimento de uma outra posição-sujeito, marcada pelos saberes de rejeição às camisas da CBF e de rejeição total às significações das cores pós-manifestações, aderindo às posições políticas de esquerda, evidenciados principalmente pela troca do símbolo da fornecedora de materiais esportivos da SBF, a Nike, para o símbolo do Comunismo (a foice e o martelo). Tal substituição, de uma empresa capitalista para um símbolo comunista sugere, de forma talvez mais evidente que o amarelo para o vermelho, uma sugestão de mudança de formação social. Outra evidência que torna possível o uso da Foice e Martelo como substituição na Nike diz respeito ao local de acontecimento da Copa do Mundo, a Rússia, berço do Comunismo.

Por fim, a troca do brasão da CBF para o da CBD marca um efeito de sentido de rejeição também à CBF, uma vez que esta passou a representar também um lugar ocupado pelo nacionalismo patriota, aliado a uma perspectiva ufanista de Estado, contrário ao pensamento nacionalista crítico.

Em geral, o deslocamento produzido pelo uso da camisa vermelha provoca o surgimento de uma outra posição-sujeito na FD do torcedor da SBF. Na conjuntura vista nesta análise, observamos um funcionamento que tem como saber central o nacionalismo ufanista e o verdeamarelismo, tomado como a posição-sujeito pró-impeachment, na qual o uso da camisa amarela

remete ao patriotismo; uma segunda posição-sujeito, esta anti-impeachment, que diverge da posição-sujeito pró-impeachment quanto ao posicionamento político, mas não rejeita as cores nacionais, na qual o uso da camisa azul remete ao nacionalismo crítico; e uma terceira posição-sujeito, que surge pela divergência à posição-sujeito da camisa azul e pelo antagonismo à posição-sujeito da camisa amarela, que sugere um funcionamento com saberes críticos e de rejeição às cores nacionais, sob efeito antagônico ao impeachment, às manifestações, à CBF, à Nike e ao verdeamarelismo.

Porém, as três posições-sujeito, materializadas e simbolizadas pelo uso das camisas de cores diferentes, inscrevem-se na mesma FD, uma vez que as camisas amarela, azul e vermelha são utilizadas como símbolo de torcida à SBF, não havendo, portanto, uma tomada de desidentificação, ou seja, uma ruptura com o saber central da FD: a torcida à seleção brasileira.

Nos Acréscimos

O estudo percorreu um caminho teórico-analítico que procurou evidenciar os novos sentidos do uniforme principal da SBF, no período da Copa do Mundo de 2018, através de títulos e subtítulos de notícias que materializaram estes sentidos. Aqui, verificou-se que a camisa, que até a Copa de 2014 marcava os sentidos nacionalistas relacionadas apenas à SBF, em um efeito de aparente homogeneidade, foi tomada como símbolo de representação de apenas uma posição-sujeito da FD do torcedor brasileiro, com sujeitos que utilizavam a camisa amarela como símbolo nacionalista patriótico e ufanista nas manifestações a favor do impeachment de Dilma Rousseff.

Os sentidos da camisa amarela, desse modo, foram deslocados pela inserção do cenário político brasileiro no esportivo, permitindo a ressignificação da camisa azul, cedendo a ela um espaço onde se manifesta o nacionalismo crítico, e ainda fazendo surgir uma camisa alternativa, de cor vermelha, que materializa o antagonismo da posição-sujeito pró-impeachment.

A relação discursiva existente entre as três posições-sujeito evidenciou, portanto, que não houve uma contestação da Seleção Brasileira pela torcida, ou seja, não houve uma ruptura do sujeito torcedor com a Seleção Brasileira de Futebol, mas uma fragmentação, no interior da FD do torcedor brasileiro, em três posições-sujeito. Desse modo, observamos, nesta relação, a desnaturalização dos efeitos de unidade nacional e de neutralidade política associados à camisa amarela. A não mais presente unanimidade de preferência a “amarelinha” marcou a Copa do Mundo de 2018, no país, como uma copa visivelmente dividida politicamente.

Referências bibliográficas

CARVALHO, J. E. O discurso esportivo. In: BOAS, Sergio Vilas (org.). *Formação e Informação Esportiva: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus (2005), p. 59-75.

CAZARIN, Ercília Ana. *Identificação e Representação Política: uma análise do discurso de Lula (1978-1998)*. Tese de Doutorado. UFRGS, 2004. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br> Acesso em 28 de Jul de 2018.

CHAUÍ, M. *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EdUFscar, 2014.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DA MATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

ECO, U. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

ELMAN, M; BENETTI, D. *A cor como representação: o imaginário verde e amarelo*. Revista dObras, Porto Alegre, RS, v. 4, n. 9, (2010), p. 61-71. DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v4i9.207>

FERNANDES, C. Imagens em Rede: a opacidade da imagem e a leitura polissêmica. In: Leandro, MCL. *Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento*. Campinas, SP: Pontes (2015).

GASTALDO, E. “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul./dez. 2009, p. 352-369. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n22/n22a13> Acesso em 10 de set. de 2018.

GUIMARÃES, E. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

LAGAZZI, S. *A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes*. In: Encontro Nacional da Anpoll, 23, 2008, Goiânia, GO. Resumo expandido. Goiânia, Anpoll, 2008, p. 1-3.

MAGNANE, G. *Sociologia do Esporte*. São Paulo: Perspectiva, (1969)

MARTIN, L. *Comunicação & Identidade: quem você pensa que é?* São Paulo: Paulus, 2010.

ORLANDI, E. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *As Formas do Silêncio*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

_____. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 12 ed. São Paulo: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. *Ousar Pensar e ousar se revoltar*. Ideologia, marxismo, luta de classes. Décalages: vol 1: Iss. 4. Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/vol1/iss4/15>, Acesso em 10 de Set. 2018 (2014).

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. EniOrlandi. São Paulo: HUCITEC, (2014)

RODRIGUES, R; GINI, P. *A história das camisas de todos os jogos das Copas*. 2 ed. São Paulo: Panda Books, 2014.

Recebido em 09 de fevereiro de 2020

Aprovado em 04 de março de 2021